

ARISSON MARINHO/ARQUIVO CORREIO



Recenseadores trabalham identificados, e os resultados do Censo 2022 devem ser divulgados em dezembro

Retrato dos povos indígenas na Bahia

IBGE começa a aplicar questionário específico para mapear essa população

Gil Santos

REPORTAGEM
gilvan.santos@reddebahia.com.br

Como vivem os povos indígenas na Bahia? Eles têm escola? As crianças aprendem a língua indígena ou o português? As aldeias têm posto de saúde? Como são os costumes e as relações familiares?

Essas e outras perguntas estão sendo feitas por recenseadores do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 134 localidades indígenas no estado para o Censo 2022. A pesquisa nessas regiões começou ontem, e uma coisa já pode ser adiantada: é em Salvador que está a maioria dessas pessoas.

Segundo o último Censo, em 2010 a Bahia era o terceiro estado com a maior população autodeclarada indígena do país. Os 56.381 baianos indígenas ficavam atrás apenas do Amazonas (168.680 indígenas) e Mato Grosso do Sul (73.295).

Ainda em 2010, a maior concentração de povos indígenas, no estado, estava em Salvador, com 7.563 pessoas, isso porque a pesquisa usa como critério a autodeclaração.

No interior, os principais territórios estavam na região sul, como Porto Seguro (6.221

mil indígenas), Santa Cruz Cabrália (4.366) e Ilhéus (3.986).

A edição de 2022 apresenta um questionário com informações mais específicas para essa população, o que, segundo especialistas, vai oferecer um recorte mais preciso dos povos e comunidades.

O que os recenseadores querem saber é como essa população está vivendo 12 anos após o último Censo Demográfico.

A coordenadora de divulgação do Censo na Bahia, Mariana Viveiros, explica que, apesar das questões culturais, a pesquisa não é antropológica. “No Censo 2022, pela primeira vez, além de termos os questionários que já são aplicados normalmente, básico e completo, teremos nas comunidades indígenas, sejam elas formalizadas ou não, outro questionário de abordagem. Ele será aplicado antes do tradicional, mas não é um levantamento antropológico, é um questionário bem objetivo e estatístico, e quem responde é a liderança ou as lideranças escolhidas pela comunidade”, afirma Mariana.

O questionário aborda questões como infraestrutura da aldeia, observando nisso a existência de água, energia, escola, posto de saúde, espa-

ço para rituais e recursos naturais; educação, como a presença de professores indígenas e não indígenas, línguas faladas, material didático e merenda escolar; e hábitos e práticas, como extrativismo e coleta, existência de roça, criação de animais, caça, pesca e artesanato.

ÊXODO

Em 2010, os recenseadores observaram que 72,03% dos indígenas na Bahia viviam fora das terras demarcadas. Salvador apresentava a terceira maior população indígena urbana do Brasil, atrás apenas de São Paulo (SP) e São Gabriel da Cachoeira (AM).

O antropólogo e líder Pataxó, Jerry Matalawê, afirmou que a falta de infraestrutura, de trabalho e a violência gerada pelas disputas por terra têm provocado um êxodo para as cidades, mas frisou que o dado precisa ser analisado com cuidado.

“Isso não significa que não estamos em aldeias. Estamos vivendo coletivamente, como povos, mas em áreas que não são demarcadas. O processo de reconhecimento da terra indígena não é rápido e pode ser ainda mais demorado quando existem disputas e outras questões no caminho. O Censo é extremamente importante nesse sentido, por-

que identifica esses territórios, facilitando a elaboração de políticas públicas específicas”, explicou Jerry.

O IBGE informou que a Bahia tinha 134 localidades indígenas em 39 municípios. Destas, 35 são terras oficialmente delimitadas, 55 são agrupamentos e 44 foram consideradas como outras localidades indígenas.

“Esses números foram atualizados nos últimos 12 anos. Hoje, são 192 comunidades presentes em 43 municípios. Reconhecer a identidade indígena é reconhecer direitos. Assim como negar, é negar direitos e o nosso próprio passado”, afirmou o antropólogo Jerry Matalawê, que cobrou um recorte sobre violência no Censo.

Na Bahia, as etnias mais predominantes eram Pataxó (20%), Pataxó Hã-Hã-Hãe (5,9%) e Kiriri (5,3%). O restante da comunidade era formado por um conjunto de pequenos povos.

O estudante Luís Ramos, 24 anos, não participou do último Censo do IBGE e está empolgado com a pesquisa. Ele vai se autodeclarar indígena. “Meus avós foram indígenas, eles viviam em uma aldeia no sul da Bahia. Meu pai e eu nascemos em Salvador, mas temos muito orgulho das nossas tradições. Sei que não posso me identificar com um povo específico, porque não vivo em comunidade, mas meu sangue e meus traços fenotípicos não negam as minhas origens”, comenta ele.

Ao todo, 603 recenseadores receberam o treinamento específico para trabalhar com Povos e Comunidades Tradicionais (PCT) e podem atuar tanto em áreas quilombolas, quanto indígenas.

A previsão é que os primeiros resultados do Censo 2022 sejam divulgados no mês de dezembro. Em Salvador, por exemplo, as informações coletadas serão separadas por bairro. Na prática, significa dizer que o IBGE terá um compilado de dados sobre cada um dos 170 bairros soteropolitanos e que será possível identificar as regiões que carecem mais dos serviços básicos.

Todos os agentes estão identificados com coleto e crachá com foto. Eles carregam no peito um QR Code que aponta para um site no qual é possível confirmar a identidade dessas pessoas. Além disso, é possível também ter essa confirmação de identidade pelo número 0800 721 8181 ou pelo site: respondido.ibge.gov.br

CURIOSIDADES

● **Em 2010, cerca de 56 mil baianos eram indígenas, terceira maior população do país, e 72% deles viviam fora das terras demarcadas**

● **Salvador, nessa época, era o município que mais abrigava essa população na Bahia e a terceira cidade urbana em povos indígenas do Brasil**

● **Etnias predominantes Pataxó (20%), Pataxó Hã-Hã-Hãe (5,9%) e Kiriri (5,3%). Em Salvador, são os Tupinambás (5,1%), Pataxós (2,1%) e Tupiniquins (1,9%)**

● **Sul do estado Os principais territórios ficam na região sul, em cidades como Porto Seguro, Santa Cruz Cabrália e Ilhéus**

● **Municípios Os municípios baianos com maior proporção desses povos eram Pau Brasil (20,9%), Banzuê (16,2%) e Santa Cruz Cabrália (14,8%)**

● **Pesquisa Desde 1991, o Censo Demográfico traz informações específicas sobre a população indígena. Em 2010, eram 890 mil indígenas no Brasil, de 305 etnias e 274 línguas**